



*Suas fronteiras são fixas.  
Alimentam-se, voam, amam  
e morrem encarcerados pela  
espantosa coerção do instinto  
e do hábito*

## Os Pássaros Vivem na Gaiola Invisível da Natureza

*John e Jean George*

“**L**IVRE como um passarinho”, costumamos dizer; no entanto, sabem quase tôdas as aves e a maioria dos ornitologistas quanto é errôneo êsse aforismo. A conduta das aves é tão rìgidamente determinada, que elas se tornam prisioneiras da terra que sobrevoam, escravas do

ar que atravessam. Vimos certa vez um pássaro morrer por não ter tido a liberdade de voar até um local seguro, a uns 200 metros de distância.

Voltávamos para casa pela margem de um pequeno rio, onde estávamos observando aves e mamíferos, e paramos para visitar um cardeal a que

déramos o nome de Clique Vermelho devido a uma nota especialmente crepitante que êle emitia ao final do canto. Fomos encontrá-lo só e desolado no pedaço de terra onde vivia. O terreno fôra escalvado por *bulldozers* naquele mesmo dia, de modo que restavam apenas alguns tocos e raízes. Enquanto observávamos, o cardeal voou uns 120 metros e de repente retrocedeu como se tivesse batido numa parede invisível. Depois de cair ao chão, levantou vôo noutra direção, mas foi chocar-se contra outra barreira invisível.

—Que se passa com êsse cardeal maluco?—perguntou Jean.—Se não voar logo para a mata será morto por algum gavião ou coruja.

—Êle não pode voar para a mata—explicou John.—Seu “território” é no meio de terreno limpo. Os *bulldozers* levaram-lhe as árvores, os arbustos, a relva, mas os limites de seu lar, cuidadosamente estabelecidos por êle e seus vizinhos, em sua imaginação de aves, ainda lá estão e êle não pode transpô-los.

—Talvez possamos levá-lo a um lugar seguro—sugeriu Jean.

—E soltá-lo no território de algum outro cardeal? Pois é exatamente por ter mais medo de invadir a propriedade de outro macho do que de ficar aqui desprotegido que êle continua prisioneiro.

Da mata atrás de nós veio o grito de uma coruja-das-tôres.

—Ouviu?—perguntou John—talvez seja êsse o último capítulo da biografia de Clique Vermelho.

Na manhã seguinte apanhamos junto às raízes de um bôrdo novo as penas ensangüentadas do nosso cardeal.

Êsse apêgo desesperado a um pedaço de chão é provàvelmente mais intenso nas aves do que em qualquer outro vertebrado. Mais forte durante a época de procriação, a fixação à terra serve para auxiliar na formação dos casais, proporcionar abrigo à prole e garantir a perpetuação da espécie, distribuindo a população por áreas extensas.

Acompanhando simplesmente os canários-da-terra, tangendo-os em sua propriedade, conseguimos registrar durante a primavera cêrca de 200 territórios numa mata. Êles voavam até o extremo de suas terras e depois davam a volta ao redor da orla, revelando assim a presença de cêrcas invisíveis. Esboçada num mapa, uma colônia de canários-da-terra lembra um povoado do interior, onde o tamanho das propriedades varia conforme a “posição social” do ocupante. Quanto maior, mais velho e mais forte fôr o macho, tanto mais terra terá.

As aves que moram o ano inteiro no mesmo lugar tendem a conservar seu território por tôda a vida. As migratórias possuem propriedades de inverno e de verão. Nessas sociedades hibernais a defesa do território de procriação cedeu lugar, em certas espécies, à defesa comum de um território coletivo contra grupos vizinhos da mesma espécie. As aves admitem transgressores de espécies

diferentes em suas terras, contanto que não se trate de competidores. Mas não toleram intrusos que pertençam à sua própria espécie.

Entre as aves os limites das propriedades são estabelecidos pelo canto. Se um macho, regressando na primavera, puder cantar em uma árvore sem ser desafiado por um vizinho, passa a considerá-la propriedade sua, demarcando os limites de suas terras. Se, porém, outro macho vier voando em sua direção e o obrigar a recuar uma árvore ou duas, êle ficará sabendo que aquela terra já tem dono.

Apoderando-se da melhor terra que encontra e de tanta quanto é capaz de defender, êle garante a si mesmo não só uma boa reserva de alimento, mas também uma companheira. As fêmeas escolhem seus companheiros pela voz atraente (cada ave tem sua própria voz, tão distinta como a nossa) e pela qualidade dos locais de nidificação existentes no terreno por êles demarcado. Não raro os machos mais fracos e os retardatários, afastados para terras inferiores, chegam solteiros ao fim da estação.

Um certo pintassilgo solteiro, a que chamávamos Mike, cantava tão bem que Jean não conseguia compreender por que as jovens não queriam acasalar-se com êle.

—O território do seu amigo é muito pequeno—explicou-me John—e, além disso, fica situado na mata. Êstes pássaros gostam de ter espaços livres e fronteiras arborizadas em sua

propriedade. Levar uma fêmea a fazer seu ninho no território de Mike seria o mesmo que pedir a uma debutante que fôsse viver na Sibéria.

Os territórios variam conforme as diferentes espécies. Podem medir vários quilômetros quadrados, como no caso do corujão, ou abranger apenas um décimo quadrado ao redor do ninho, como se dá com as andorinhas-do-mar e as gaivotas.

Determinadas as linhas fronteiriças, os sentimentos que ligam a ave ao seu território vão-se intensificando à medida que progride a construção do ninho, e isto leva-a a praticar atos aparentemente desatinados, sobretudo nas imediações do local. Voando contra a janela ou contra grades brilhantes dos automóveis, o pássaro não está tentando fazer haraquiri; está apenas defendendo seu território. Quando vê sua imagem refletida numa vidraça ou no metal polido de um automóvel êle julga tratar-se de outro macho a invadir-lhe a propriedade e combate o “adversário” até cair exausto.

As questões territoriais, embora constantes no mundo das aves, são em geral resolvidas por duelos cantados, quase sempre entre machos da mesma espécie. Às vêzes uma disputa de terras desencadeia combates peito a peito em pleno ar; os contendores parecem subir e descer por uma parede invisível. A luta é geralmente breve, e depois dela cada contendor voa para um galho de árvore situada no seu lado da divisa e começa a trinar. Em geral chegam a um acôrdo

e ambos cantam, num gorjeio arrebatado e exuberante.

A fêmea mantém-se normalmente dentro dos limites estabelecidos pelo companheiro; no entanto, as espôsas doidivas ou frívolas podem às vezes causar contratempos. Assistimos certa vez a uma tragicomédia numa colônia de alegres azulões. Uma fêmeazinha, mãe pela primeira vez, construía seu ninho por engano na propriedade de outro macho. Voava sempre para o ninho, tôda satisfeita, na certeza de ser acompanhada pelo marido. Verificava, porém, que êste se detinha na orla de seu território e lá ficava, dando voltas no ar, movido por dois poderosos impulsos: o de seguir a companheira e o de manter-se afastado da propriedade do vizinho. Aparentemente, o direito de propriedade revelava-se mais forte do que o amor à família. Êle não cruzou uma única vez a fronteira durante todo o período de nidificação. Quando os filhotes começaram a sair do ôvo, o pai apanhava insetos para êles, chamava a companheira e entregava-lhe o presente. Ela recebia-o com avidez e voltava ao ninho para empanturrar seus insaciáveis filhotes. Todos nós (inclusive o pai frustrado) sentimos verdadeiro alívio no dia em que a pequena mãe conseguiu persuadir seus filhotes recém-emplumados a cruzarem a fronteira e entrarem nas terras do pai.

Os limites territoriais não constituem a única restrição na vida de uma ave. Mesmo dentro de seu próprio domínio as aves não voam ao

acaso, em qualquer direção, mas obedecem a rotas certas. Para ir do pouso noturno ao local de alimentação, do ninho a um determinado ponto onde costuma cantar, a ave segue diàriamente a mesma trajetória. Vimos certa vez uma prova impressionante de que as aves são capazes de fazer o levantamento das rotas fixas de outras aves, no interesse da própria segurança.

Um gavião que havia em nossas terras demarcou uma área de cinco quilômetros quadrados e começou a pairar elegantemente no espaço, com a intenção de atrair uma companheira. A presença daquele intruso devorador de aves causou enorme agitação entre a passarada miúda. Logo, porém, tudo se acalmou e nós nos indagamos, admirados, a que espécie de acôrdo teriam chegado os passarinhos e a ave de rapina. Com o passar do tempo obtivemos a resposta.

Também o grande gavião era escravo do hábito. Tinha o seu ninho naquela mata, mas sempre caçava num bosque distante. Tôdas as manhãs seguia por um caminho aéreo até ao bosque, regressando por outra rota fixa. A população de pássaros miúdos acabou por conhecer-lhe os hábitos, pois foi dando cada vez menos sinais de alarma para anunciar as chegadas e partidas do rapinante. Sabiam que êste percorria caminhos aéreos certos e que nunca penetrava em suas matas para caçar.

Essas rotas invisíveis podem ser facilmente observadas em qualquer

quintal onde haja um pôsto de alimentação. Cada pássaro virá ao pôsto todos os dias, mais ou menos às mesmas horas e da mesma direção, usando os mesmos ramos e galhos. Há geralmente uma rota de entrada e outra de saída. Certa vez fincamos uma estaca na rota de um pássaro e êste por pouco não bateu nela, a tal ponto estava circunscrito em seu caminho habitual.

Tôdas as noites as aves voltam invariavelmente ao seu pouso ou poleiro, escolhido com o mesmo cuidado que o local do ninho. Num mundo repleto de inimigos, a perda do pouso noturno pode significar sua desgraça.

No ôco de uma macieira que havia em frente à nossa janela, costumava pernoitar um pica-pau. Recolhia-se à mesma hora tôdas as noites, dependendo da claridade. À medida que os dias se iam tornando mais curtos, víamos pelo relógio que êle chegava dois minutos mais cedo cada noite, mas os nossos fotômetros registravam exatamente a mesma intensidade de luz. Em dias nublados, recolhia-se cedo ao poleiro.

Certa noite um picancilho entrou no dormitório do pica-pau poucos minutos antes da hora de êste voltar para casa. O pica-pau executou seu ritual noturno de acôrdo com a tradição herdada dos seus antepassados.

Grasnou no alto de um bôrdo, sujou no mesmo lugar que vinha usando há meses, voou até à macieira, subiu em espirais e entrou no ôco, onde deu de cara com o intruso.

Tombaram ambos para fora e lutaram um instante, pois logo o picancilho fugiu, perseguido pelo pica-pau. Algum tempo depois vimos de relance o pica-pau. Ia ficando escuro, mas êle provavelmente ainda enxergava o suficiente para entrar no ôco. Tinha, contudo, de repetir o ritual do recolher, do comêço ao fim, e portanto voltou ao bôrdo. A noite foi esfriando, mas o pica-pau não voltava. A essa altura já estava muito escuro, bem abaixo do grau de claridade a que êle estava habituado. Grasnava, mas não voava até à macieira. Poucos dias depois, à hora do crepúsculo, o picancilho começou a inspecionar cautelosamente o ôco desocupado e nêle se instalou. Terminara ganhando a competição, provavelmente por ter transformado os hábitos noturnos do pica-pau, e êste, incapaz de modificá-los, ficou inteiramente ao relento.

Quase todos os pássaros vivem, amam e morrem atrás das grades das restrições impostas pela natureza. São cativos na gaiola de seus instintos, dos quais, com raras exceções, não podem nem desejam escapar.



**P**EDAÇO de uma conversa num armazém:—Você sabe, os programas de televisão estão ficando simplesmente horríveis hoje em dia. Às vezes temos até de desligar o nosso aparelho.

—G. M. V.